





DISSE-ME UM ADIVINHO



Tiziano Terzani

**DISSE-ME  
UM ADIVINHO**  
EM VIAGEM PELOS MISTÉRIOS  
DO EXTREMO ORIENTE



Tradução de  
Margarida Periquito

COORDENADOR DA COLECÇÃO  
CARLOS VAZ MARQUES

**LISBOA:**  
TINTA-DA-CHINA  
MMX

Esta edição contou com o apoio do  
MINISTERO DEGLI AFFARI ESTERI ITALIANO  
Direzione Generale per la Promozione  
e la Cooperazione Culturale

© 2009, Edições tinta-da-china, Lda.  
Rua João de Freitas Branco, 35A,  
1500-627 Lisboa  
Tels: 21 726 90 28/9 | Fax: 21 726 90 30  
E-mail: [info@tintadachina.pt](mailto:info@tintadachina.pt)  
[www.tintadachina.pt](http://www.tintadachina.pt)

© Tiziano Terzani, 1995

Título original: *Un Indovino Mi Disse*  
Autor: Tiziano Terzani  
Tradução: Margarida Periquito  
Coordenador da colecção: Carlos Vaz Marques  
Revisão: Tinta-da-china  
Composição e capa: Vera Tavares

1.ª edição: Novembro de 2009

2.ª edição: Julho de 2010

ISBN 978-989-671-018-7

Depósito Legal n.º 302025/09

## ÍNDICE

9	PREFÁCIO
13	Bendita maldição
29	Uma morte gorada
41	Laos: em qual das margens a felicidade?
63	Os apanha-mortos de Banguécoque
87	Birmânia, adeus!
117	Viúvas e louça de barro partida
141	Os sonhos de um bonzo
167	Contra a sida? Alho e malaguetas
195	O arco-íris louco
221	Chagas sob os véus
239	Os cicios de Malaca
261	Uma ilha com ar condicionado
287	Com a voz de há dois mil anos
311	Nunca contra o Sol
331	O missionário e o bruxo
357	Vivam os navios!
381	«Nagarose»
401	Camboja: o sobrolho de Buda
427	Vietname: o destino dos cães
449	Um navio no deserto
465	Com o meu amigo fantasma
497	Os bufarinheiros do transiberiano
509	Melhor do que trabalhar no banco
525	O astrólogo sem rima
535	A TV aos cortadores de cabeças
551	Passagem do ano com o Diabo
573	O meditador da CIA
595	E agora?
597	NOTA BIOGRÁFICA





## PREFÁCIO

**T**IZIANO TERZANI e Ryszard Kapuściński nunca se encontraram pessoalmente. O desencontro físico de dois dos maiores repórteres do século xx não impediu Kapuściński de escrever, pouco depois da morte de Terzani, que tinha «belas memórias» a respeito dele. É talvez o mais profundo tributo que se pode prestar a um autor. Dizer dele que temos «belas memórias» dos momentos em que o acompanhámos, lendo-o. Daqueles instantes em que ele entrou na nossa vida para não voltar a sair.

Tiziano Terzani, um viajante já quase lendário nas letras italianas, foi muitas vezes comparado ao seu companheiro polaco — felizmente bem mais conhecido dos leitores portugueses —, com quem se terá correspondido ao longo da vida. O fotógrafo Vincenzo Cottinelli, que os conheceu e os fotografou a ambos, disse a Terzani, na primeira vez que o encontrou, que via neles muitas semelhanças. O rosto de Terzani, ao ouvir essas palavras, abriu-se num largo sorriso, por detrás da frondosa barba branca, conta Cottinelli, e o escritor exclamou, num agradecimento veemente: «Esse é o mais belo cumprimento que já recebi em toda a minha vida.» Ficaram amigos.

A admiração entre Terzani e Kapuściński era mútua. Lemos hoje as palavras que o escritor polaco dedicou ao escritor italiano, já depois da morte de Terzani, ao aceitar integrar o júri do prémio literário instituído sob o seu nome, e de repente é como se Ryszard Kapuściński, ao falar de Tiziano Terzani, estivesse também a descrever-se a si próprio: «O nosso mundo, a que costumam chamar globalizado, é ao invés constituído por muitas regiões e muitas culturas diferentes. Com o seu trabalho de jornalista, Tiziano criou uma ponte entre essas diversidades e diferenças, oferecendo assim a outros os meios pelos quais podem vir a entender melhor o mundo, um mundo em rápida e dramática mudança. Terzani foi capaz de o fazer porque soube observar; os olhos dele souberam encontrar o modo certo de olhar, e por isso ele se tornou uma testemunha tão importante do nosso tempo.»

Kapuściński e Terzani partilham, além de um notável talento literário, essa visão do mundo dominada pela curiosidade e por um interesse genuíno pelo outro. «Os cínicos não servem para este ofício», escreveu o repórter polaco, no que poderia ser também a divisa de Terzani.

*Disse-me Um Adivinho* foi o livro com que Tiziano Terzani se reinventou. Depois de décadas a cobrir inúmeras guerras, tragédias e desgraças a Oriente, o escritor tomou o lugar do repórter. O jornalismo não chega para abarcar por completo a complexidade do mundo. É para isso que existe a literatura. Foi-lhe necessário apenas aproveitar o pretexto certo para esse pequeno passo que viria a tornar-se um salto gigantesco. Terzani descobriu este pretexto na profecia de um adivinho de Hong Kong. Estou certo de que ele haveria de gostar de uma frase que o poeta Manuel António Pina repete com frequência e que parece feita por medida para descrever o episódio que

deu origem a este livro: «Não há nada de mais libertador que um bom constrangimento.»

Tiziano Terzani, voluntariamente impedido de viajar de avião durante um ano, restitui-nos um mundo infinitamente mais complexo do que o de uma modernidade em que nos deslocamos a grande velocidade, pensamos com enorme rapidez e morremos velozmente. Durante um ano percorreu o Extremo Oriente por terra, lentamente, em busca de um tempo perdido, numa viagem de sentido duplo: aquele que correspondia ao trajecto geográfico, ligando os pontos de um mapa, e o que o fez levar a cabo um percurso íntimo e de autodescoberta.

Numa viagem assim — tal como acontece a quem quiser acompanhar Tiziano Terzani, lendo-o —, aquele que chega não é nunca exactamente o mesmo que partiu.

CARLOS VAZ MARQUES



## BENDITA MALDIÇÃO

A VIDA OFERECE-NOS SEMPRE uma boa oportunidade. O problema é sabermos reconhecê-la, o que nem sempre é fácil. A minha, por exemplo, tinha todo o ar de ser uma maldição. «Cuidado! No ano de 1993 corres um grande risco de morrer. Nesse ano, não andes de avião. Não andes nunca», dissera-me um adivinho.

Aconteceu em Hong Kong. Encontrara aquele velho chinês por acaso. No momento, aquelas palavras impressionaram-me, como é óbvio, mas não me causaram grande preocupação. Estávamos na Primavera de 1976, e 1993 parecia ainda muito distante. No entanto, não viria a esquecer-me do ano. Ficar-me-ia na memória, como a data de um encontro a que ainda não decidimos se havemos de ir ou não.

1977... 1987... 1990... 1991. Dezasseis anos parecem muitos, sobretudo se vistos da perspectiva do primeiro dia, mas, como todos os anos — excepto os da adolescência —, passaram céleres, e depressa dei por mim no final de 1992. Que fazer? Levar o velho chinês a sério e reorganizar a minha vida, tendo em consideração o seu aviso? Ou não fazer caso e seguir em frente, dizendo para comigo: «Para o diabo os adivinhos e as suas patranhas»?

Nessa altura já vivia na Ásia havia mais de 20 anos — primeiro em Singapura e depois em Hong Kong, Pequim, Tóquio e, por último, em Banguécoque — e pensei que a melhor forma de encarar aquela «profecia» era a forma asiática: não contrariá-la, antes condescender.

«Quer dizer que acredita?», espicaçavam-me os meus colegas jornalistas, sobretudo os ocidentais, habituados a contar sempre com um sim ou um não peremptório em resposta a qualquer pergunta; mesmo às perguntas mal formuladas, como esta. Uma pessoa não precisa de acreditar nas previsões do tempo para sair de casa com o guarda-chuva num dia nublado. A chuva é uma possibilidade, o guarda-chuva uma precaução.

Porquê provocar a sorte, se ela própria te faz um sinal, te dá uma sugestão? À mesa da roleta, quando o preto já saiu três ou quatro vezes seguidas, há jogadores que, contando com as probabilidades estatísticas, a seguir apostam tudo o que têm no vermelho. Eu não. Insisto em apostar no preto. Não foi nessa direcção que a bolinha me piscou o olho?

Para mais, a ideia de passar um ano inteiro sem voar agradava-me só por si. Sobretudo como desafio. Presumir que um velho chinês de Hong Kong pudesse ter a chave do meu futuro divertia-me imenso. Era como se desse o primeiro passo num terreno desconhecido. Tinha curiosidade de ver aonde me levariam outros passos no mesmo sentido. Ao menos induzir-me-iam a fazer, durante um certo tempo, uma vida diferente da habitual.

Durante anos viajei de avião e, deslocando-me por exigências do ofício aos lugares mais estapafúrdios do mundo, onde se desenrolam guerras, se desencadeiam revoluções ou acontecem desastres terríveis, é óbvio que mais de uma vez me acon-

teceu ficar com o coração nas mãos, aterrar com um motor em chamas ou ver que um mecânico, às marteladas num alçapão aberto entre os assentos, consegue no derradeiro instante fazer baixar o trem de aterragem que se recusava a sair da barriga do avião.

Se em 1993 tivesse ignorado a profecia e tivesse viajado de avião como se nada fosse, tê-lo-ia feito, sem dúvida, com uma dose acrescida daquela usual inquietação que mais tarde ou mais cedo se apodera de todos os que passam grande parte do seu tempo no ar, pilotos incluídos; mas, essencialmente, teria prosseguido na minha rotina: aviões, táxis, hotéis, táxis, aviões.

Aquela advertência divina (desde logo, quanta semelhança entre «adivinho» e «divino»?!) dava-me, ou impunha-me, o ensejo de introduzir uma variação no meu quotidiano.

A profecia era a desculpa. A verdade é que uma pessoa, aos 55 anos, tem um desejo enorme de acrescentar uma pitada de poesia à sua vida, de olhar o mundo com novos olhos, de reler os clássicos, de redescobrir que o Sol nasce, que no céu existe a Lua e que o tempo não é somente aquele que os relógios marcam. Esta era a minha oportunidade, e não podia deixá-la fugir.

O problema era como proceder. Renunciar ao meu trabalho durante um ano? Meter umas férias prolongadas? Ou continuar a trabalhar, mas sujeito àquele condicionamento? O jornalismo hoje em dia, tal como muitas outras profissões, é dominado pela informática. Computadores, *modems* e rapidez desempenham um papel preponderante; a brevidade e a tempestividade das imagens televisivas transmitidas via satélite estabeleceram novos modelos, e o jornalismo impresso, em vez de apostar na reflexão e no individual, mais não faz do que

entrar na corrida e tentar imitar o imbatível imediatismo — e, por consequência, a superficialidade — da televisão.

Na altura do massacre de Tianamen, a CNN transmitia em directo daquela praça no centro de Pequim, e muitos colegas preferiam estar no quarto de hotel, em frente do televisor, a irem ver pessoalmente o que estava a acontecer a poucas centenas de metros. Era o modo mais rápido de se manterem ao corrente, de acompanharem os acontecimentos. Para mais, os seus directores e chefes de redacção, a milhares de quilómetros de distância, viam as mesmas imagens nos seus próprios televisores e essas é que representavam a realidade, a única realidade. Era inútil ir à procura de outra.

Como iriam reagir os meus directores à ideia de terem um correspondente na Ásia que, por um capricho seu, decide não andar de avião durante um ano inteiro? O que pensariam eles de um tipo que, em 1993, se transforma inesperadamente num jornalista do início do século, daqueles que partiam quando rebentava uma guerra e muitas vezes só lá chegavam quando ela já tinha terminado?

Em Outubro de 1992 tive oportunidade de aferi-lo. Um dos dois chefes de redacção do *Der Spiegel* passou por Banguécoque e, uma noite, depois de jantar, contei-lhe sem grandes preâmbulos a história do adivinho de Hong Kong e falei-lhe da minha intenção de passar o ano de 1993 sem pôr o pé num avião.

«Depois de me dizer isso, como quer que lhe peça para voar até Manila quando lá se der o próximo golpe de estado, ou até ao Bangladesh por ocasião do próximo tufão? Faça como lhe parecer», foi a sua resposta. Fantásticos como de costume, os meus remotos directores! Compreenderam que daquele meu capricho podia nascer uma história diferente, que poderíamos oferecer ao leitor qualquer coisa que os outros não tinham.



## NOTA BIOGRÁFICA

TIZIANO TERZANI nasceu em Florença, em 1938, numa família pobre. Começou a trabalhar como operário na Olivetti, tendo sido mais tarde representante da marca em vários países, o que o trouxe a Portugal. Em 1971, iniciou o seu trabalho, que se prolongaria por 30 anos, como jornalista correspondente na Ásia para o semanário alemão *Der Spiegel*, tendo colaborado também nos jornais italianos *Repubblica*, *L'Espresso* e *Corriere della Sera*. Viveu em Singapura, Hong Kong, Pequim, Tóquio, Banguecoque e Nova Deli, tornando-se num dos jornalistas italianos de maior prestígio internacional.

*Pelle di Leopardo*, o seu primeiro livro, é o diário do período que passou como enviado na Guerra do Vietname. Em 1975, era um dos poucos jornalistas ocidentais que ainda se mantinham em Saigão, tendo assistido à tomada de poder pelos comunistas. Desta última experiência nasce *Giai Phong! La Liberazione di Saigon* (1976). A sua longa estadia na China terminaria, em 1984, com um processo de prisão e de expulsão por envolvimento em actividades «contra-revolucionárias», e teve como resultado bibliográfico o livro *La Porta Proibita* (1985). *Buonanotte, Signor Lenin* (1992) é um testemunho ímpar sobre o colapso do império soviético visto da periferia. Em 1998, já depois de *Disse-me Um Adivinho* (1995), é publicado *In Asia*, no qual Terzani se debruça sobre este imenso continente. O drama do 11 de Setembro está na origem de *Lettere contro la Guerra* (2002), primeiro passo de uma peregrinação em que o autor defendeu a não-violência como única via possível para travar o ódio, a discriminação e o sofrimento que ameaçam a humanidade.

Terzani morreu em Julho de 2004. O município de Florença honrou a memória do jornalista com um funeral público no Palazzo Vecchio, aonde acorreram centenas de cidadãos.





TÍTULOS  
ANTERIORES DA COLECCÃO

*Morte na Pérsia*  
Annemarie Schwarzenbach  
(trad. Isabel Castro Silva)

*Uma Ideia da Índia*  
Alberto Moravia  
(trad. Margarida Periquito)

*Paris*  
Julien Green  
(trad. Carlos Vaz Marques)

*O Japão é Um Lugar Estranho*  
Peter Carey  
(trad. Carlos Vaz Marques)

*Veneza*  
Jan Morris  
(trad. Raquel Mouta)

*Caderno Afegão*  
Alexandra Lucas Coelho